

Autonarrativas e cognição: uma abordagem à luz do paradigma da complexidade

Autonarratives and cognition: an approach in light of the paradigm of complexity

Autonarrativas y cognición: un enfoque a la luz del paradigma de la complejidad

Nize Maria Campos Pellanda ¹
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil.

Maria de Fatima de Lima das Chagas ²
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil.

Karla Rosane do Amaral Demoly ³
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil.

Resumo

Este artigo trata de reflexões sobre práticas didáticas autopoieticas aplicadas em alunos(as) de Pós-Graduação e refletidas à luz do Paradigma da Complexidade, aquele que junta as dimensões da realidade. Nessa perspectiva, não há separação entre sujeito e objeto. Isso remete a uma Epistemologia da autoexperiência. Para demonstrar esse processo cognitivo-subjetivo, o nosso Grupo de Pesquisa (GAIA) cunhou o conceito-princípio de Ontoepistemogênese o qual mostra que conhecer e viver emergem juntos no viver. Nossa principal referência teórica é a Teoria da Biologia da Cognição de H. Maturana e F. Varela com o pressuposto básico de que os seres vivos são autopoieticos, produzindo a si mesmos.

Palavras-chave: Cognição. Autonarrativas. Ontoepistemogênese. Paradigma da Complexidade. Autopoiesis.

Abstract

This article deals with reflections on autopoietic didactic practices applied to postgraduate students and reflected in the light of the Complexity Paradigm, which brings together the dimensions of reality. From this perspective, there is no separation between subject and object. This leads to an epistemology of self-experience. To demonstrate this cognitive-subjective process, our Research Group (GAIA) coined the concept-principle of Ontoepistemogenesis, which shows that knowing and living emerge together in living. Our main theoretical reference is the Theory of the Biology of Cognition by H. Maturana and F. Varela. Varela with the basic assumption that living beings are autopoietic, producing themselves.

Keywords: Cognition. Autonarratives. Ontoepistemogenesis. Complexity Paradigm. Autopoiesis.

¹ Doutorado em Educação. Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6677-3442>. E-mail: nizepe@gmail.com.

² Doutora em Educação. Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7979-678X>. E-mail: fatima.lima@ufersa.edu.br.

³ Doutorado em Informática na Educação. Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1727-9875>. E-mail: karla.demoly@ufersa.edu.br.



Resumen

Este artículo aborda reflexiones sobre prácticas didácticas autopoieticas aplicadas a estudiantes de posgrado y reflexionadas a la luz del Paradigma de la Complejidad, que reúne las dimensiones de la realidad. Desde esta perspectiva, no hay separación entre sujeto y objeto. Esto conduce a una epistemología de la autoexperiencia. Para demostrar este proceso cognitivo-subjetivo, nuestro Grupo de Investigación (GAIA) acuñó el concepto-principio de Ontoepistemogénesis, que muestra que conocer y vivir emergen juntos en el vivir. Nuestra principal referencia teórica es la Teoría de la Biología de la Cognición de H. Maturana y F. Varela. Varela con el supuesto básico de que los seres vivos son autopoieticos, se producen a sí mismos.

Palabras clave: Cognición. Autonarrativas. Ontoepistemogénesis. Paradigma de la complejidad. Autopoiesis.

1 INTRODUÇÃO

Em consonância com a opção teórica que nosso grupo de pesquisa⁴ fez, pelo Paradigma da Complexidade, os docentes que pertencem ao grupo adotaram a autonarrativa nas suas práticas didáticas como instrumento potente de conhecimento/autoconhecimento.

Explicamos: o paradigma da modernidade, o cartesianismo, surgiu no bojo de um contexto histórico-político-social do nascente modo de produção capitalista. O sistema científico configurado por Descartes é determinista, reducionista, binário calcado numa lógica linear. Por tudo isso, podemos inferir sobre os limites desse paradigma para dar conta de problemas complexos tais como os levantados pela termodinâmica, a evolução, a física quântica e os processos de subjetivação que implicam em fenômenos que mudam constantemente no tempo. Os limites do paradigma cartesiano demandam uma nova epistemologia que configure um sistema científico com uma lógica não-linear capaz de abordar fenômenos de uma realidade em trânsito, sistêmica, caótica e multifacetada.

Este artigo tem o objetivo de resgatar a força da autonarrativa para o processo de cognição-subjetivação como instrumento poderoso de auto-organização o que se constitui numa condição biológica dos seres vivos (Maturana; Varela, 1980). Esses dois biólogos cunharam o conceito de Autopoiesis para designarem o pressuposto central da teoria da Biologia da Cognição que é a de que os seres vivos são sistemas produtores de si mesmos. Voltaremos mais adiante com mais detalhes sobre o tema. Para nós, esse é um princípio organizador de nossas pesquisas e base para o nosso trabalho didático com alunos(as) de cursos de Pós-Graduação em algumas universidades do país. Vamos focar em algumas autonarrativas discentes que interagem com nossa posição teórica. Tal

⁴ GAIA - Grupo de pesquisa e investigações autopoieticas.

abordagem seria impossível em um paradigma que separa o sujeito do objeto do conhecimento.

Pensamos que a prática das autonarrativas pode revolucionar as práticas pedagógicas de transmissão do conhecimento, aquisição, etc, o que, na perspectiva da Biologia da Cognição é impossível devido ao fechamento dos sistemas vivos que são fechados para a informação e abertos para troca de energia. O que se faz de modo geral com os alunos(as) não é promover a aprendizagem, mas a ilusão de que “ensinamos” e os alunos “adquirem” conhecimento. Ao fazermos isso, estamos impedindo essas pessoas de uma real cognição que não vem de fora para dentro, mas é um trabalho interno do sistema. O que o professor precisa e pode fazer é perturbar, desafiar o aluno para que ele se mobilize internamente com seus próprios recursos, o que faz disparar um trabalho neuronal com produção de sinapses que acabam por complexificar o organismo. Essa foi uma importante descoberta recente das neurociências contemporâneas, o que vem corroborar com nossa posição teórica (Varela, 2000); (Doidge, 2016).

2 UM NOVO PARADIGMA E O LUGAR DA AUTONARRATIVA

Um novo paradigma começa a emergir nos finais do século XIX com o aparecimento de ciências complexas que estavam a exigir outras abordagens que envolvessem uma lógica de não identidade capaz de lidar com sistemas de relações.

A teoria darwiniana não é propriamente complexa porque usa os referenciais cartesianos, mas ela marca a passagem do tempo e as transformações que daí advêm. E tempo era algo negado na ciência cartesiana. A termodinâmica, por sua vez, já nasceu complexa porque as transformações de temperatura levam aos fenômenos da entropia (perda de energia) e neguentropia (aumento de energia) que regulam todos os fenômenos do universo. As pesquisas de Henri Poincaré com suas equações não-lineares foram o substrato lógico-matemático que o novo paradigma necessitava. As ciências que surgiram na primeira metade do século XX causaram um abalo no paradigma clássico, porque já não usavam mais objetos de pesquisa explícito, material e quantificável. Trata-se da Física Quântica e da Psicanálise cujos objetos são muito sutis. A primeira acaba por descobrir que não existe matéria densa no universo, e a segunda faz dos sonhos seu objeto de pesquisa.

Por essa nova via epistemológica seguiram algumas ciências complexas que adotaram uma visão sistêmica e transdisciplinar. É importante lembrar aqui que esse

conceito de complexidade surgiu a partir da ideia de que qualquer aspecto da natureza que se estude é sempre uma teia de relações que formam sistemas. O que interessa para o pensar sistêmico são as conexões e os padrões de auto-organização. Essa maneira sistêmica de abordar a realidade foi aplicada pela primeira vez na Biologia. Nos anos 40, Ludwig von Bertalanffy deu o arcabouço lógico para a construção da “Teoria Geral dos Sistemas” (Bertalanffy, 1973). Esse trabalho teve enorme impacto nas ciências que viriam depois configurando uma nova epistemologia para a configuração de um novo paradigma, o da complexidade que vai abordar a realidade em termos holísticos e não mais pelo desdobramento das partes. Gregory Bateson foi um cientista que estudou a ecologia da mente, sendo essa uma referência inspiradora para nossa teoria. (Bateson, 2003). A principal consequência desse pensamento sistêmico no mundo científico foi o advento da cibernética, a primeira ciência realmente complexa, porque é constituída de diversos campos do conhecimento tais como Matemática, Epistemologia, Neurologia, Linguística, Antropologia, Psiquiatria e outras.

Na esteira do movimento cibernético, surge a teoria da Biologia da Cognição, desenvolvida pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, que eliminam qualquer possibilidade de determinação externa. Para dar conta desse fenômeno de fechamento para a informação externa, eles cunharam o conceito-princípio Autopoiesis, mostrando que os seres humanos se autoconstituem no processo de viver. Para Maturana (2002, p. 42): “[...] quando digo que: conhecer é viver e viver é conhecer, o que estou dizendo é que o ser vivo, no momento em que deixa de ser congruente com sua circunstância, morre”. Com isso, evidencia-se o formalismo da epistemologia tradicional, separada da vida pulsante. É importante esclarecer que autopoiesis, como conceito complexo, implica fenômenos que, na ciência clássica, podem aparecer como um paradoxo: os sistemas vivos são fechados para informação e abertos para troca de energia (ar, alimentação). Eles vão se constituindo internamente a partir de perturbações externas que levam a uma mobilização interna que, como referido, não determinam o que se passa com os seres vivos.

Essa virada radical na ciência mudou profundamente a abordagem da realidade que passa a ser vista como uma teia dinâmica de relações sempre em fluxo. Nesse sentido integrador que tomou a ciência, cai por terra o mito da neutralidade do pesquisador. Assim, a revolução epistemológica que surgiu com essas atitudes complexas levou ao desafio de integrar o observador no objeto observado. Dessa forma, baseado em um sistema de conhecimento não-linear, o pesquisador tem que dar conta de

si mesmo em um movimento circular onde o efeito rebate sobre a causa e assim por diante. A partir daí, as autonarrativas, como outros instrumentos de reflexões pessoais, ocupam um lugar importante na metodologia científica além, é claro, de constituírem um importante instrumento de construção pessoal.

3 METODOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE ATIVIDADES DIDÁTICAS COM AUTONARRATIVAS

Nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional pode adquirir-se sem exercício; também não se pode aprender a arte de viver (Foucault, 2006, p. 132).

A prática da escrita como aprendizagem do viver, assim como a prática de autoconhecimento estão intimamente entrelaçadas, sendo ambas muito antigas. Na Grécia antiga e em Roma, era comum a escrita de si. Montaigne, no século XVI, na contracorrente da modernidade, pois é a época das grandes narrativas impessoais e distante da vida, propõe a prática das autonarrativas como “aprendizagem do viver”. Inspiradas em Montaigne (2004), defendemos a força das autonarrativas como dispositivo de autoescuta e constituição de si. Sua biógrafa Sarah Bakwell (2012) descreve sobre a gênese do pensamento autobiográfico de Montaigne. Vendo sua mente tão cheia de “quimeras e monstros fantásticos, um após outro, sem ordem nem sentido” ele decidiu registrar tudo por escrito, não com o objetivo direto de dominá-los, mas para examinar tranquilamente sua estranheza. Assim foi que lançou mão da pena: nascia o primeiro “Ensaio” (Bakewell, 2012, p. 12).

Profundamente articulada com a epistemologia complexa que abraçamos, a prática didática das autonarrativas que usamos com mestrandos(as) e doutorandos(as) dos Cursos de Pós-graduação onde atuamos como docentes e pesquisadores têm se mostrado importante ferramenta autopoietica, ou seja, elemento potente na constituição de si. Como referido, na perspectiva da Biologia da Cognição (op.cit), viver e conhecer são inseparáveis. Nesse sentido, todo o conhecimento é autoconhecimento justamente o que as autonarrativas podem desencadear.

O novo paradigma da complexidade cria uma demanda epistemológica de fundo, pois a epistemologia clássica com seu racionalismo radical e dualidade não é capaz de dar conta de uma realidade extremamente complexa. Começaram a surgir, então, muitos estudos epistemológicos sobre como proceder na pesquisa diante de um novo contexto científico (Bateson, 2003), (Maturana, 2000), (Von Foerster, 1991). A epistemologia

moderna foi substituída no século XX pela Epistemologia Genética de Jean Piaget que representou um passo muito importante para quebrar a hegemonia desde a Grécia antiga do inatismo de Platão ou o realismo de Aristóteles.

Conhecer para Platão era um apriorismo fora da ação do sujeito cognitivo e, no caso de Aristóteles, o ser humano seria uma tábula rasa na qual eram impressas as sensações e estímulos de fora. Em ambos os casos, a ação/autoria do sujeito do conhecimento não contava. O avanço epistemológico de Piaget foi mostrar que o conhecimento não está nem no sujeito, nem no objeto, mas na interação. Daí a importância da ação do sujeito. Mas a Epistemologia Genética de Piaget tem seus limites lógicos quando discutimos as autonarrativas como prática na perspectiva do paradigma da complexidade. Diante disso, nós consideramos toda uma questão de plasticidade neuronal que garante o aprender pela vida toda e como isso provoca um trabalho neuronal de ativação das sinapses (Doidge, 2016).

Diante dessa situação, pesquisadores do GAIA (Grupo de Ações e Investigações Autopoiéticas) desenvolveu e cunhou um conceito-princípio para dar conta do fenômeno conhecer-viver. Nós estávamos preocupados com psicogênese da cognição como inseparável do processo de viver. Foi assim que criamos o conceito de Ontoepistemogênese para designar a emergência do processo cognitivo acompanhado do processo de subjetivação no fluir da vida. Para chegar a tal conceito, nos debruçamos sobre as obras dos autores do movimento cibernético acima citados e realizamos muitos estudos com adolescentes em situação de vulnerabilidade social em ambiente digital para entendermos o processo-cognitivo afetivo dos sujeitos (Pellanda et al, 2005; Pellanda et al, 2017).

Na perspectiva de uma aplicação didática do conceito-princípio de Ontoepistemogênese, começamos a aplicar como metodologia em nossas aulas as autonarrativas.

No início de cada disciplina, lançávamos a proposta que fosse feita pelos alunos(as) suas autonarrativas após cada encontro. Essas escritas eram compartilhadas no penúltimo encontro, de modo que as docentes pudessem dar um retorno à turma em termos de elaborações cognitivo-afetivas e padrões que aparecem nas escritas. No início, alertávamos sempre que não se tratava de um relatório do encontro, mas da expressão de suas emoções a partir das perturbações em aula. Nossa preocupação metodológica inicial era tentar validar o conceito de Ontoepistemogênese ao identificarmos nas escritas

sinais de subjetivação-cognição. A seguir alguns fragmentos de autonarrativas dos nossos alunos e alunas:

A primeira escrita de si está em forma poética

JL - CUIDADO DE SI

*Estava eu a rabiscar
Algumas palavras para falar
Tentar de uma forma bonita
O que eu entendi explicar
Em relação ao sentir
Foi na prática de respirar
Que consegui me encontrar*



*Encontrar no meu ser
O mais profundo viver
Sentir o gosto da vida
O prazer do conhecer
Mistura de sentimentos
Desaprender e aprender*



*Como diz Espinosa Tem que se afectar
A mente e o corpo jamais separar
Na teoria da complexidade conseguir interlaçar
Redes de conhecimento para o mundo transformar
(JL, excerto da narrativa, 2023)⁵.*

O relato continua com mais algumas estrofes revelando uma apropriação poética das atividades didáticas e uma consequente reconfiguração a partir de um processo ontoepistemogênico no qual não há separação entre conhecer e subjetivar-se.

Os encontros promovidos pelas aulas da disciplina “Laboratório de Si” me levaram à mergulhos em campos que estavam inóspitos para mim. Sobre tudo, por estar numa fase existencial dificilmente palpável, onde o medo, a solidão e a incerteza me abraçavam há pelo menos dois anos. Entrei no mestrado como um escafandrista entra no mar escuro, ou como a equilibrista de olhos vendados segue o seu desafiador roteiro abissal: nada se anunciava à minha frente, exceto a incerteza (PE, excerto da autonarrativa, 2023).

Os encontros me puxaram de volta à minha conexão com a arte e o desejo pulsante de retomar a produção poética e musical que me atravessam desde a infância. Estava imersa na academia, mas a arte, elemento fundamental do meu objeto de pesquisa, não havia ainda me atravessado. Eu estava presa no labirinto, sem dar conta da ponta do novelo que me conduzisse à saída. Meu corpo e meus sentimentos estavam presos à insegurança e auto-depreciação. Não confiava em mim e no meu potencial (PE, excerto da autonarrativa, 2023).

Os textos e discussões abriram o baú de memórias, as afecções se deram na medida certa e o “susto” inexato do encontro abriu caminhos incríveis, criativos, inventivos... era a minha história presente, de gente presente, de rumos possíveis. O inédito viável se dando a cada encontro e cada abraço virtual. Os pensamentos puderam tomar outra forma, mais organizada: meu lugar no mundo, no mestrado e

⁵ Não apresentamos os nomes dos/as participantes para resguardar sua/s identidade/s.

nas relações, se ampliou numa percepção que partia do olho mágico para a lupa, para um super-zoom onde todo detalhe passou a ser visto. Eu, por mim mesma, através de mim e do outro, da minha relação e conexão com o que está ao meu redor, sem ser menor, desigual, ínfima (PE, excerto da autonarrativa, 2023).

O “Em poiéses, caixa de afecções” foi minha caixinha de costura: agulhas, linhas, retalhos, botões, colchetes, dedais...meu repertório aguçado, lançando sobre mim a força da criatividade que estava enrijecida. Resumiria dizendo que as aulas possibilitaram o lugar do encontro comigo mesma, com minha existência, minha relação com os meus poros, meu ar, minha voz, meu tremor, meu amor...com a possibilidade de existir, resistindo, reinventando, ressignificando meu lugar no mundo e, partindo dele, cultivando minha relação comigo e com o que está em torno dele” (PE, excerto da autonarrativa, 2023).

Durante a prática da disciplina, tive a sensação de que, aqueles conceitos, junto com os vídeos e demais vivências me serviram como um aprendizado para além do ambiente da universidade, para fora do mundo acadêmico. Para contextualizar, por exemplo, o sentido que possui a palavra “disciplina” gerou em mim outro significado e se esgotou em outra: “complexidade” (RO, excerto da autonarrativa, 2023).

As aulas ministradas convergiam neste âmbito e as palavras logo produziam um sentido irrestrito de significados. Ou seja, tal como mencionei “disciplina” - nos moldes cartesianos, seria algo meramente ligado às regras e condutas, mas, a significação desta palavra me entregou outros sentidos, de forma que, talvez, de acordo com o meu modo de enxergar o mundo, baseado em meus próprios aprendizados, afecções e valores obtidos me fizessem perceber que a “disciplina” seja algo relacionado a outros tipos de regras que não necessariamente sejam ligadas ao convencionalmente exposto na sociedade, como um conjunto de informações que nos foram impostas, ao longo do tempo. Assim, por que tratar este curso em particular, este “laboratório de si”, como uma disciplina? Ser Laboratório de si é conseguir compreender a sua essência e possuir a consciência sobre as nossas potencialidades. Pois, “conhecer é viver e viver é conhecer” (RO, excerto da autonarrativa, 2023).

As afecções, ou seja, aquilo que nos afecta em sentido de produzir uma perturbação, um estranhamento, em um primeiro momento, nos possibilita o acesso ao conhecimento como algo subjetivo. O autoconhecimento é auto experiência. Com Descartes e Aristóteles, apreendemos a maneira cartesiana de pensar que um corpo pode ser racional e fixado no tempo; enquanto, Espinosa nos demonstrou que, com a complexidade, podemos concluir que o homem é um ser de potência e está constantemente mudando, de acordo como se manifestam as suas afecções.

Assim, de um modo geral e resumido, aprendemos com Espinosa (2015) sobre o sistema Espinosiano:

*A unidade mente/corpo;
Ser humano como ser de potência;
Alegria= aumenta a nossa capacidade de agir= amor;
Tristeza= diminui a nossa capacidade de agir= ódio;
As afecções*

As afecções, ou seja, aquilo que nos afecta em sentido de produzir uma perturbação, um estranhamento, em um primeiro momento, nos possibilita o acesso ao conhecimento como algo subjetivo. O autoconhecimento é auto experiência. Com Descartes e Aristóteles, apreendemos a maneira cartesiana de pensar que um corpo pode ser racional e fixado no tempo; enquanto, Espinosa nos demonstrou que, com a complexidade, podemos concluir que o homem é um

ser de potência e está constantemente mudando, de acordo como se manifestam as suas afecções (RO, excerto da autonarrativa, 2023).

Vivemos no mundo em que tudo acontece de forma acelerada e disciplinar que muitas vezes não paramos para pensar em si. E, com os estudos tenho feito um exercício do cuidar de si (de dentro para fora) e da escuta do outro de forma emergente que passa acontecer na minha ação e no meu viver (AA, excerto da autonarrativa, 2023).

Aprendi que no paradigma da complexidade ocorre o fluxo da construção do conhecimento que envolve vários campos do saber como uma força vital que são as alegrias que dão sentido a vida. É nas experiências que a realidade vivida se torna arte e cultura no ser. Portanto só tenho gratidão pelo tempo de construção de conhecimentos transmitidos nestes estudos que para minha vida são valiosos. “somos observadores no observar, no suceder do viver cotidiano na linguagem, na experiência na linguagem” (MATURANA, 2001, p. 27). No sentido de que, em minhas práticas cotidianas eu possa ser observadora e transformadora da realidade onde estou inserida. Assim, os desafios serão espinhos em um campo que tirei para nascerem flores. O florescer deste campo depende do meu caminhar, do meu agir e devir (AA, excerto da autonarrativa, 2023).

Com esses fragmentos, procuramos demonstrar o conceito-princípio da Ontoepistemogênese em ação ao compreendermos que a cognição e a subjetivação emergem juntas no processo de viver. Com isso, rompemos com as noções de conhecimento como representação, captação de dados do exterior e essência para o pressuposto de fluxo sempre em movimento pelas ações dos seres humanos a cada momento em transformação contínua. Viver e conhecer não são meras abstrações, mas dependem da agência humana com o protagonismo de cada ser humano. Esse movimento do viver gera transformações físicas (reconfiguração de redes neuronais no cérebro via novas sinapses), mentais, psíquicas e espirituais (muda a relação com o cosmos). Para reforçarmos nossas reflexões sobre um conceito complexo de cognição, trazemos Wilfred Bion, o famoso psicanalista inglês que fez uma releitura complexa da Psicanálise mostrando o conhecimento como transformação (Bion, 1977).

4 O QUE É MESMO UMA AUTONARRATIVA?

“Experimenta-te!” F. Nietzsche

Em primeiro lugar, contextualizamos teoricamente a questão da escrita de si nos pressupostos básicos da Teoria da Cognição (Maturana; Varela, 1980) sobre a autonomia dos seres humanos. Como já referido, estes são seres que vivenciam a autopoiese e, portanto, produtores de si mesmos. Nesse sentido, são sistemas fechados para a informação e abertos para a troca de energia com o meio. Isso marca o surgimento de

uma nova Epistemologia, pois a clássica Epistemologia racionalista e formal apartada da vida pulsante de cada ser entrara em conflito com as descobertas em neurobiologia no século XX e com uma lógica linear, binária e simplificadora do real. Varela propõe então uma “Epistemologia experimental” que, num sistema autorreferido se configura como autoexperimentação. Por isso, lembramos novamente a criação de nosso conceito-princípio de Ontoepistemogênese que desenvolvemos exatamente para dar conta dessa condição humana de autoconstrução. Desta forma, chegamos ao lugar que pode ocupar as escritas de cada um (a) como dispositivo potente para o processo autopoiético. Se o que vem de fora não determina o que se passa com os humanos, instrumentos autopoiéticos como as autonarrativas, por exemplo, são elementos muito importantes para uma reconfiguração pessoal.

Para complementarmos o que estamos querendo demonstrar, trazemos as reflexões das psicólogas Marília Silveira e Lígia Ferreira sobre a escrita de si:

Esta pode tornar-se um espaço de habitação, uma morada provisória para as intempéries da vida, onde é possível a invenção do próprio sujeito. Um lugar de resguardo onde o sujeito pode cuidar de si (escrever a si) para depois de refazer-se conseguir se lançar na escrita (autoria) do mundo (Silveira; Ferreira, 2013, p. 1).

Foi por aí que cartografamos as escritas de si de nossos alunos(as) focando nas questões de autoria, constituição de si e protagonismo. Constatamos também que o dispositivo da escrita nunca é inócuo, ele carrega o poder de fazer disparar nos sujeitos dimensões adormecidas do eu incluindo aí a própria questão do trabalho neuronal. Esse poder mobilizador do dispositivo escrita é muito bem definido por Virginia Kastrup:

O dispositivo pode vir a funcionar não como obstáculo, mas como força intempestiva, capaz de promover a virtualização da inteligência e possibilitar a continuidade do processo de criação, que é evidenciado pela aprendizagem ou atualização de novos regimes. Ele promove a inquietação e coloca a cognição em movimento. Aí começa o processo de invenção de si e do mundo (Kastrup, 2000, p. 7).

Michel Foucault, em sua última fase de produção teórica, debruçou-se sobre as “tecnologias de si”. Ele vai fundo no tema começando por pesquisar a prática das autonarrativas no mundo ocidental antigo na Grécia e Roma mostrando que já havia naquela época uma valorização das escritas de si como de aprendizagem da arte de viver. Essas práticas funcionavam também como autodisciplina, como ações que davam às pessoas o sentimento de autocontrole (Foucault, 2006).

No mesmo sentido em que estamos considerando a escrita de si como dispositivo de subjetivação, Foucault destaca essas implicações dinâmicas da prática fazendo referência a Plutarco: “Como elemento de treino de si, a escrita tem, para usar a expressão de Plutarco, uma função etopoiética: é um operador de transformação da verdade em ethos” (op cit. p.134).

Foucault nos fala, à guisa de exemplo, dos Hypomnemata que eram cadernos de anotações diversas e que passaram a ser suporte para as escritas de si. Neles o autor das escritas descreve sua própria experiência e os preceitos e ideias que configuram uma verdadeira arte de viver o que se constitui, por fim, em constituição de si. Essas escritas serviam também como auxílio para resolver os problemas pontuais da vida de modo que estavam sempre à mão para serem usadas a qualquer momento. Sobre essas funções dos Hypomnematas Foucault escreve:

[...] constituem um material e um enquadramento para exercícios a efetuar frequentemente: ler, reler, meditar, entreter-se a sós, ou com outros etc. E isso com o objetivo de os ter, segundo uma expressão que aparece com frequência, *procheiron ad manum, in promptu*. À mão, portanto, não apenas no sentido de poderem ser trazidos à consciência, mas no sentido de que se deve poder utilizá-los, logo que necessário, na ação (Foucault, 2006, p. 136).

É preciso contextualizar a escrita de si em um momento histórico da cultura clássica com o cuidado de si. Nas palavras de Foucault: “Gostaria apenas, para dar um exemplo, de sublinhar a importância da escrita na cultura de si” (Foucault, 2017, p. 80). Ele busca na Grécia antiga a prática da epimeleia heautou o que passaram a denominar cura sui, o que significa cuidado de si. E seguimos com Foucault nas reflexões sobre a cultura de si:

O preceito segundo o qual devemos ocuparmos de nós, cuidar de nós, o conceito segundo o qual devemos plenamente *epimeleisthai heautou*, foi para os gregos e os romanos um dos grandes princípios éticos, uma das principais regras da sua arte de viver; e isso durante quase um milhar de anos (Foucault, 2017, p. 72).

Na modernidade, Montaigne recupera a escrita de si (Ensaaios). Depois de passar por momentos de perdas de entes queridos e muito sofrimento, ele resolve escrever sobre o tumulto de pensamentos que o assolavam. Foi assim que surgiram os “Ensaaios”, um novo gênero literário na modernidade que dá lugar a uma dimensão íntima dos seres humanos. (Montaigne, 2044) Sua escrita é uma inovação, pois sempre em fluxo o pensamento vai cartografando as subjetividades para depois reconfigurá-las. Para Marcelo Coelho, que escreveu um texto interessante sobre os “Ensaaios” mostrando que esse remeteria à questão da autoexperiência, na tentativa de autoconhecimento e de refletir sobre os próprios pensamentos. Diz ele:

Ensaio, em frances *essai*, vem do latim *exigium*, que significa peso, ato de pesar; é parente próximo de exame, que originalmente também tinha o significado concreto de pôr na balança, pesar. Se, como gênero literário, tem antecedentes em diversos tipos de composição que se apresentam como “miscelâneas”, “discursos”, “selva” ou “floresta”. Montaigne foi o primeiro a usar o termo para designá-lo. Ainda hoje, em frances, “*essai*” significa “tentativa”. Por vezes, é esse o sentido em que a palavra aparece no texto montaigniano - um exercício de escrita, um rascunho, algo não definitivo (Coelho, 2001, p. 34).

Podemos inferir da leitura dos “*Essais*” uma expressão autopoietica da escrita como forma de devir, de vir a ser, ou ainda, subjetividades em processo de construção pela auto-experiência. Afinal, nossa vida não é um contínuo processo de testar a nós mesmos?

Nesse caminho que tomamos para cartografar e resgatar a força da escrita para a constituição do humano através da História, chegamos a F. Nietzsche (1996; 2002), o grande desconstrutor da modernidade e da representação. A obra desse filósofo foi fundamental para uma epistemologia calcada na experiência e autoria. Nietzsche recupera a força autopoietica da escrita de si de tal forma que ele faz da escrita uma autoexperiência com o objetivo de chegar a uma autossuperação. A filósofa Monica Cragolini capta muito bem esse sentido que Nietzsche dava à escrita:

Não será, então, que mais do que relatar uma “experiência de vida vivida”, a escrita é uma possibilidade de “viver”- e constituir-se- como experiência? Não será que, em vez de sermos sujeitos que “nos expressamos” na escrita, é a experiência mesma da escrita que nos constitui? Não estaremos nos tornando o que somos ao escrever, mais do que escrevendo o que nos tornamos (Cragolini, 2001, p. 132).

Em “*Ecce Homo*”, seu último livro que é uma autobiografia, Nietzsche se desvela profundamente. A leitura dessa obra nos permite entender um pouco melhor a produção filosófica do autor (Nietzsche, 2002). Resumindo, ele traz o exercício da autoexperiência para chegar à autossuperação que chama de “vitória sobre si mesmo” (op.cit.). E entra a importância da escrita como elemento de produção humana com uma dimensão terapêutica. Diz ele: “Pois bem, eu sou o oposto de um decadente, porque descrevi a mim mesmo” (Nietzsche, 2002, p. 40).

Nietzsche é um filósofo da imanência, do devir, do fluxo e, por isso, ele usa a metáfora da dança que seria um modo de viver em harmonia cósmica como também dá um aviso para a educação tradicional com sua rigidez esvaziada de vida. Esse dançar a vida inclui a escrita:

Pois dançar de forma alguma ser divorciado e uma nobre educação, ser capaz de dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras: ainda tenho que dizer que temos de dizer que temos que ser capazes de dançar com a pena- que escrever tem que ser aprendido? (Nietzsche, 1996, p.137).

Esses movimentos para recuperar a força da escrita de si através da história nos faz pensar novamente na condição biológica dos seres humanos que encontram nesse instrumento respostas para suas demandas existenciais.

5 PERSPECTIVAS

Nosso objetivo principal aqui foi usar os pressupostos da Biologia da Cognição para mostrar a condição biológica dos seres vivos como seres que se produzem a si mesmos. No caso dos seres humanos, o uso de símbolos para a autoprodução é fundamental. Nesse sentido, Maturana nos afirma que somos seres linguajantes, que o lugar que habitamos no mundo é a linguagem. Diz ele: “[...] nos damos conta que é através de nossa condição como seres vivos que somos seres conscientes que existem na linguagem” (Maturana, 1991, p. 50). A linguagem ocorre, portanto, no acoplamento do ser humano com o ambiente. No caso da escrita de si, é um acoplamento consigo mesmo, um exercício de experiência de si que ajuda na sua autopoieses ao mesmo tempo em que se prepara para acolher e entender o outro. O uso didático desses pressupostos originou-se na nossa inconformidade com os métodos tradicionais de ensino-aprendizagem em qualquer nível de formação. São métodos extremamente formais que não tocam as subjetividades e, portanto, não redundam em autêntica cognição. O que tentamos fazer com nossos alunos(as) foi justamente aplicarmos os princípios de autoprodução e autoria para proporcionarmos a eles (as) uma experiência cognitivo/subjetiva a partir da experiência de si.

A dimensão ética da autopoieses é muito profunda. Se somos responsáveis por nossas ações e as palavras são atos, temos um protagonismo na vida em geral que implicam em responsabilidade com o que acontece no mundo. Assim, as escritas podem contribuir com uma maior consciência de nossa existência como seres filogeneticamente amorosos (Maturana, 1997) e, assim, podemos criar um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

- BAKEWELL, S. *Como viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- BATESON, G. *Steps to an ecology of the mind*. New York: Ballantine, 2003.
- BERTALANFFY, L. *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

- BION, W. *Seven Servants: four works*. New York: Jason Aronson, 1977.
- COELHO, M. *Montaigne*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- CRAGNOLINI, M. Do corpo-escrita: Nietzsche, seu “Eu” e seus escritos. In: FEITOSA, et al. (org.) *Assim falou Nietzsche III*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. p. 132-138
- DOIDGE, N. *O cérebro que cura*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- ESPINOSA, B. *Ética*. Tradução de Joaquim de Carvalho. São Paulo: EDUSP, 2015.
- FOERSTER, V. H. *Las semillas de la cibernética*. Barcelona: Gedisa, 1991.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 2006.
- FOUCAULT, M. *O que é a crítica? A cultura de si*. Lisboa: Texto & Grafia, 2017.
- KASTRUP, V. *Invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papirus, 2000.
- MATURANA, H. *Emociones y Lenguaje en Educación y política*. Santiago: Hachette, 1991.
- MATURANA, H. *La realidad: Objetiva o construida?* Barcelona: Anthropos, 1997. 2 v.
- MATURANA, H. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MATURANA, H. *Ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *Autopoiesis and cognition: the realization of the living*. Dordrecht: Riedel, 1980.
- MONTAIGNE, M. *Ensaio*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2004.
- NIETZSCHE, F. *Breviário de citações*. São Paulo: Princípio, 1996.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- OLIVEIRA, C. C. *Auto-organização, Educação e Saúde*. Coimbra: Ariadne, 2004.
- PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E. T. M.; SCHLÜNZEN J., K. (org.). *Inclusão Digital: Tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- PELLANDA, N. M. C.; et al. *Viver/conhecer na perspectiva da complexidade: experiências de pesquisa*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2017.
- PIAGET, J. *Epistemologia Genética*. São Paulo: Abril, 1983.
- SILVEIRA, C.; FERREIRA, R. Escritas de si, escritas do mundo: Um olhar clínico em direção à escrota. *Revista Athenea Digital*, 13(3): 243-263, novembro 2013.
- VARELA, F. *El fenómeno de la vida*. Santiago: Dolmen, 2000.